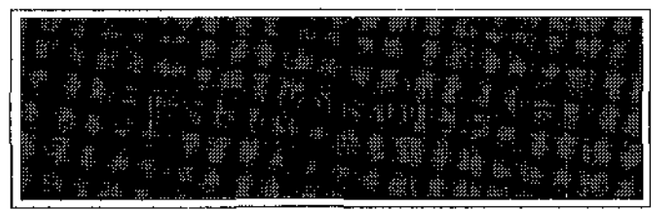
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

TERCEIRA SECRETARIA

DIRETORIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO

SETOR DE TAQUIGRAFIA



NÚMERO: 137ª

ASSUNTO: TCH LAURO ALVARES PA SILVA CAMPOS

DATA: 26/09/02

HORA: 16h40min

LOCAL: CLDF

39 laudas

CÂMARÁ LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO

SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA
SETOR DE TAQUIGRAFIA

4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 3ª LEGISLATURA

ATA DA 137ª
(CENTÉSIMA TRIGÉSIMA SÉTIMA)

SESSÃO SOLENE
DE OUTORGA DO TÍTULO DE
CIDADÃO HONORÁRIO DE BRASÍLIA A
LAURO ÁLVARES DA SILVA CAMPOS,

EM 26 DE SETEMBRO DE 2002.

I - SÚMULA

PRESIDÊNCIA: Deputada Maninha

LOCAL: Câmara Legislativa do Distrito Federal

INÍCIO: 16 horas e 40 minutos

TÉRMINO: 18 horas e 40 minutos

1 - ABERTURA

Presidente (Deputada Maninha):

Realiza-se nesta data a sessão solene de outorga do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Senador Lauro Álvares da Silva Campos.

2 - COMPOSIÇÃO DA MESA

-PRESIDENTE DA SESSÃO, PRIMEIRA SECRETÁRIA DA CLDF, E VICE-PRESIDENTE DA CEOF E DA CDC, Deputada Maninha;
- HOMENAGEADO, Senador Lauro Álvares da Silva Campos;
- PRESIDENTE DA CDESCTMA, VICE-PRESIDENTE DA CAF, LÍDER DO PT E AUTOR DO PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO, Deputado Chico Floresta;
- CANDIDATO AO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL PELO PPS, Carlos Alberto Torres;
- REPRESENTANTE DO PDT, Erilda Balduíno de Souza;
- COORDENADOR DO COMITÉ DE DEFESA DA REVOLUÇÃO CUBANA, Afonso Magalhães.

3 - PRONUNCIAMENTOS

DEPUTADO CHICO FLORESTA, autor do Projeto de Decreto Legislativo.

DEPUTADO RODRIGO ROLLEMBERG, em nome do PSB.

CARLOS ALBERTO TORRES, candidato ao Governo do Distrito Federal pelo PPS.

AFONSO MAGALHÃES, Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana.

ERILDA BALDUÍNO DE SOUZA, representante do PDT.

SENADOR LAURO CAMPOS, homenageado.

4 - COMUNICADO DA PRESIDÊNCIA

- Lê correspondência enviada pelo Prof. Cristovam Buarque justificando sua ausência a esta sessão.
- Transmite mensagem da Senadora Heloísa Helena(PT-AL).

5 - ENCERRAMENTO

Presidente (Deputada Maninha):

- Declara encerrada a sessão.

II - DETALHAMENTO

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - Senhoras e senhores, autoridades presentes, boa-tarde.

Em nome do Exmo. Sr. Presidente, Deputado Gim Argello, e de todos os Parlamentares desta Casa, iniciamos esta sessão solene especialmente para a entrega do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Exmo. Sr. Senador da República Lauro Álvares da Silva Campos, atendendo a um requerimento do Exmo. Sr. Deputado Chico Floresta.

Convidamos para compor a Mesa de honra desta sessão solene as seguintes pessoas: a Exma. Sra. Primeira Secretária desta Casa, Deputada Maninha, que presidirá esta sessão; o Exmo. Sr. Senador da República Lauro Álvares da Silva Campos, homenageado nesta tarde; o Exmo. Sr. Líder do Partido dos Trabalhadores, Deputado Chico Floresta, autor do requerimento que propiciou a realização desta homenagem; o Sr. Carlos Alberto Torres, candidato ao Governo do Distrito Federal pelo PPS; a Sra. Erílda Balduíno de Souza, representante do Partido Democrático Trabalhista; e o Sr, Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana, Afonso Magalhães.

Neste momento, convido os presentes a cantarmos o Hino Nacional.

(Hino Nacional.)

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - Registramos ainda a presença dos seguintes convidados: Maurício José da Silva, Pedro Abdallah Fonseca, Américo Pinheiro Júnior, Norberto Sarnaglia Júnior, Marcos Aurélio S. Lima, Sigmaringa Seixas, Fredo Ebling Júnior, Benjamim Fernandes Lustosa, Heraldo Moura Coutinho, Marcello Fernandes de Souza, António Oscar

Guimarães Lóssio, Francisco Temóteo, Roberto Espírito Santo, Paulo J. Farias Galvão, Walnízia Alves dos Santos, Vicente Moreira Damaceno, Frank Svensson, Luiz Picarelli, Juliane Almeida de Castro, Eunice Pinheiro, António Dantas, Martha Eliene de Castro, Dario Abranches Viothi, Gustavo Portal e Vitor José de V. Grossi.

Passo a palavra, para o seguimento dos trabalhos, à Exma. Sra. Deputada Maninha.

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Agradeço a presença de todos nesta homenagem que a Câmara Legislativa do Distrito Federal presta ao nosso Senador Lauro Campos. Sentimo-nos extremamente honrados neste momento em tê-los aqui nessa sessão. Tenho certeza de que, assim como nós, todos vocês consideram o Senador Lauro Campos não apenas um senador, mas um património político do Distrito Federal. (Palmas.)

Senador Lauro Campos, muito nos honra prestar essa homenagem, porque o consideramos um dos políticos mais sérios dessa cidade. Além disso, o senhor é ético, todo o seu discurso é combativo e aguerrido. Com certeza, seu mandato será renovado por mais oito anos nessas próximas eleições.

Em nome desta Casa, solicito ao Deputado Chico Floresta que faça a entrega do título.

(Outorga do título.)

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Concedo a palavra ao Deputado Chico Floresta.

DEPUTADO CHICO FLORESTA - Exma. Sra. Presidente desta sessão, Deputada Maninha, minha companheira de bancada e de muitas lutas nessa cidade em defesa do nosso povo, do Brasil e de uma sociedade mais justa; Exmo. Sr. Senador Lauro Campos, Cidadão Honorário de Brasília; Sr. Coordenador de Defesa da Revolução Cubana, Afonso Magalhães; Sra. Erilda Balduíno de Souza, representante do PDT - Partido Democrático Trabalhista; Sr. Carlos Alberto Torres, candidato ao Governo do Distrito Federal pelo PPS - Partido Popular Socialista; senhoras e senhores, nesta tarde, certamente, o Senador Lauro Campos sentirá aqui tudo o que esta cidade lhe deve. Este é o sentido da entrega desse título.

Senhoras e senhores, autoridades presentes, é com grande satisfação que inicio esta homenagem que propus para a concessão do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Senador Lauro Campos.

O grande poeta brasileiro Gonçalves Dias em seu poema nos ensina: "Não chores, meu filho, não chores que a vida é luta renhida, a vida combate que os fracos abate, que os fortes, os bravos só pode exaltar."

O Senador Lauro Campos, nascido na boa terra mineira de Belo Horizonte, no tempo em nossos pais podiam saborear o leite saudável, diretamente das tetas das vacas e que podíamos respirar o ar puro das plantas, conhece bem os versos do poeta citado. Se não os sabe de cor, com certeza os sabe na prática, pois toda a sua vida tem sido de luta e muita luta em prol de uma sociedade mais justa e socialista.

Nacional, vem atuando brilhantemente ao longo dos anos para o aprimoramento democrático e a elaboração de leis que beneficiem especialmente o Distrito Federal.

Foi membro titular da Comissão de Assuntos Económicos, da Comissão de Educação, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, da Comissão de Infra-estrutura e Assuntos Sociais. Em 1998 foi observador parlamentar da Organização das Nações Unidas - ONU.

Seus conhecimentos na área de Direito, Economia e Ciências Sociais muito têm contribuído para a sua profunda análise da crise brasileira, em especial, no que se refere aos nefastos efeitos da atual política neoliberal, da globalização discriminatória sobre as classes mais pobres, a quem dedica atenção especial.

Seus discursos proferidos da tribuna do Senado Federal são memoráveis. Aliás, quero crer que ficará registrado na história daquela Casa o nome de Lauro Campos como um de seus maiores oradores. A profundidade das análises políticas, sociais e económicas impingida em seus pronunciamentos deixa seus pares encantados, como acentuou certa feita o Senador Edison Lobão em aparte que lhe fora concedido. Diria até que ficam encantados, mas poucas vezes conseguem entender a profundidade ácida dos discursos do Prof. Lauro Campos.

Destacam-se também as metáforas bem colocadas e um certo humor refinado, mineiro, como o fez em pronunciamento proferido em 20 de março de 1998 quando, ao discorrer sobre as contradições exacerbadas da globalização, em especial o desemprego que naquele momento começava a se acirrar, acentuou: "Por outro lado, diz o Presidente Fernando Henrique

Cardoso que estamos no caminho certo. Mas o *Titanic* também estava no caminho certo para o seu encontro com o *iceberg* e o fundo do mundo."

Nos debates parlamentares nunca usa de baixos expedientes, é sempre leal a seus adversários. Combate ideias, não pessoas, como fez nos recentes episódios que levaram dois Senadores à renúncia e outro, à cassação, dois dos quais eleitos pelo Distrito Federal.

Seu caráter ilibado é reconhecido em toda parte, seja como homem público, seja como pai dedicado ou professor admirável.

É membro efetivo da Academia de Letras do Noroeste de Minas, em Paracatu, que se orgulha de tê-lo entre seus ilustres filhos. Naquela Casa de Letras ocupa a cadeira que tem por patrono o escritor Bernardo Élis. Aliás, o seu discurso de posse, reproduzido em pronunciamento feito no plenário do Senado Federal, é memorável. Naquela ocasião, o Senador Lauro Campos comentou com singular beleza literária o conto A Enxada, de Bernardo Élis, ao registrar que a obra retrata "o nascimento do capital, ao flagrar o processo de transformação do mais simples instrumento de trabalho, uma enxada, em violento e invencível instrumento de opressão social e de exclusão do trabalhador...", expresso no sofrimento e na morte do pobre e honesto personagem Piano.

Seus vastos conhecimento e atuação incansável em defesa dos interesses do Distrito Federal lhe trouxeram o aplauso e reconhecimento do nosso povo.

Sua atividade intelectual está representada na produção de vários livros de feição política e também literária, como os seguintes: A Crise da Ideologia Keynesiana; Moeda e Produção; Palavras Certeiras;

Acumulação e Autoritarismo; A Tribuna como Trincheira; Paracatu Imortal, entre outras obras admiráveis.

Lauro Campos não tem do que lamentar em sua vida. Sabe, como poeta, que a vida é combate, mas não se abate, não é tíbio, é valente, é honrado, é atuante na elaboração das leis justas e benéficas que aplaudem toda a população do Distrito Federal. Por isso, merece o nosso reconhecimento, admiração e respeito.

Das lembranças que tenho do Prof. Lauro, uma é a mais marcante, exatamente no período do Plano Cruzado, um período em que muitos se renderam à ideologia que era então dominante. Era o período dos fiscais do Sarney. O denodo, a cruzada que o Prof. Lauro Campos moveu contra o Plano Cruzado, que contou com alguns poucos, no primeiro momento, do Partido dos Trabalhadores, na verdade mudou a face da nossa cidade. A inteligência política, a agudeza da análise e a percepção do futuro que estavam incluídas naquele plano, a capacidade de convencimento do Prof. Lauro Campos em relação aos jovens, que na época éramos, e a vontade que expressávamos de mudança deste nosso Brasil fez com que aqui, em Brasília, o nosso Partido dos Trabalhadores se transformasse em uma trincheira de resistência contra aquilo que parecia ser uma tendência dominante. Essa resistência levou Lauro Campos à vitória no Senado, mesmo que ela viesse tardia. Houve exatamente o reconhecimento de Brasília de que a Capital da República não se rendeu a uma ideologia que, na verdade, se mostrou apenas mais uma daquelas que por tantas vezes a burguesia conseguiu e por tantas vezes mais tentará conseguir enganar a consciência do nosso povo.

Estávamos na mesma trincheira. Estávamos e estamos juntos nesta luta. O Prof. Lauro Campos assoma com uma personalidade ímpar, uma personalidade que não tem mácula, que consegue se aliar àquilo que há de mais importante nos marxistas: a aguda análise teórica, a capacidade de analisar o seu tempo com a práxis, com a vontade de fazer, com a vontade de agir. Consegue, ainda, fazer o que muitos marxistas gostariam, mas poucos conseguem: ter essa capacidade poética e literária que caracterizou tantos grandes marxistas da história do nosso tempo.

O Prof. Lauro Campos contém um grau tão grande de experiências, um grau tão grande de informações que às vezes eu me sentia honrado quando ia à casa dele beber de suas palavras. Garanto, Prof. Lauro Campos, que muito do que a minha vida me trouxe é reflexo daquilo que consegui apreender das suas palavras. Aqueles que conseguem apreender, aqueles que conseguem entender, aqueles que conseguem transformar em movimento aquilo que o Prof. Lauro Campos colocou na sua vida, com certeza, estarão no caminho certo.

É por isso que neste momento, nesta Casa, já me sinto gratificado por ter estado aqui presente para responder com a solidariedade do povo de Brasília à pessoa do Prof. Lauro Campos.

Quero dizer também que, nesta Casa, o título de Cidadão Honorário foi concedido por unanimidade. Todos reconhecem, na figura do Prof. Lauro Campos, esse caráter de sábio, probo e admirável homem, como foi o seu pai. Com toda justiça, esse título de Cidadão Honorário é um título que Brasília lhe devia, Prof. Lauro Campos. Mas não é a Brasília da lama, não é a Brasília do lodaçal, é a Brasília daqueles que construíram esta

cidade com um sonho, daqueles que construíram esta cidade para ser modelo, daqueles que construíram esta cidade para ser, neste nosso país de desigualdades, um exemplo da capacidade do nosso povo em construir aquilo que tanto almejamos e por que tanto lutamos. Este título vem desta Brasília: a Brasília que quer ser justa, igualitária e socialista.

Parabéns, Prof. Lauro Campos, por toda a sua trajetória política e por tudo aquilo que ainda irá fazer no Distrito Federal e no Brasil. Com certeza o reconhecimento das urnas ao seu trabalho virá agora no próximo dia 6 de outubro. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Esta Presidência registra correspondência enviada pelo Prof. Cristovam Buarque.

"Não pude estar presente na outorga do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Sr. Lauro Campos em razão da agenda de campanha, mas estendo meu respeito e admiração pelo Prof. Lauro Campos.

Cristovam Buarque."

Registramos a presença da esposa do Prof. Lauro Campos, Sra. Oraida Policena de Andrade Campos, cuja figura se confunde com a do professor; dos filhos Carlos Álvares da Silva Campos Neto, Izabela Álvares da Silva Campos, Laura Álvares da Silva Campos e Bernardo Álvares da Silva Campos; dos netos Pedro Campos Neiva, Joana Campos Neiva, Cauê Campos Neiva, Júlia Campos Mariz Maia, Otávio Campos Mariz Maia, Viviane de Souza Campos, Felipe de Sousa Campos e Lorena Morin Álvares Sousa Campos, e da bisneta Branca de Oliveira Campos Lima.

Concedo a palavra ao Deputado Rodrigo Rollemberg.

DEPUTADO RODRIGO ROLLEMBERG - Sra. Presidente, Deputada Maninha; Senador Lauro Campos, Cidadão Honorário de Brasília e prezado amigo; Deputado Chico Floresta; Sr. Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana, Afonso Magalhães; Sra. Erilda Baiduíno de Souza, representante do Partido Democrático Trabalhista, familiares do nosso Senador aqui presente, amigas e amigos, colegas representantes de diversos partidos no Distrito Federal, sinto-me honrado em estar aqui, neste momento, falando em nome de todos os militantes do Partido Socialista Brasileiro que estão extremamente honrados com este reconhecimento tardio que a cidade faz em relação ao Senador Lauro Campos.

O Senador Lauro Campos é um professor excepcional, reconhecido por todos aqueles que tiveram o privilégio de ter sido seus alunos. Minha irmã Lourdinha, que aqui está, é testemunha disso.

Como Senador, o Prof. Lauro Campos nos honra e nos orgulha.

Nos últimos anos, Brasília viveu um processo extremamente vergonhoso. Pela primeira vez na história do Brasil tivemos um Senador cassado. Um Senador traiu a vontade expressa da população e teve seu mandato cassado, expondo Brasília nacionalmente de forma desagradável e cruel em relação à sua população honrada, trabalhadora e honesta.

Também tivemos a infelicidade de um segundo Senador ter de renunciar ao seu mandato, porque também seria cassado, por cometer o grave erro de violar o painel de votações do Senado.

Temos nesta conjuntura, o Senador Lauro Campos, um dos Senadores mais atuantes e presentes, que vem há muito fazendo a

denúncia de um capitalismo selvagem e irresponsável e da submissão do país a esse capitalismo causando imensos prejuízos à população brasileira.

Neste momento, todos percebemos a grave crise económica por que passa o país e os enormes desafios a serem enfrentados pelo próximo Presidente da República. Graças a Deus, neste momento, sopram ventos alvissareiros que indicam uma mudança de rumo. Temos que reconhecer que, há muitos anos, ainda como professor, e há muitos anos, já como Senador, o Prof. Lauro Campos anunciava o que aconteceria ao país em função da submissão das autoridades económicas do Governo Federal aos apelos e às demandas do capitalismo internacional.

Por isso, Senador, nós brasilienses, nos sentimos extremamente honrados num momento em que Brasília formaliza um reconhecimento antigo da população, a qual o elegeu Senador em uma campanha em que V.Exa. enfrentou, como outros estão enfrentando o poder econômico muitas vezes de origem criminosa, como vêm mostrando os jornais de nossa cidade.

Eu, como Deputado Distrital, tive a honra de compartilhar deste momento de reconhecimento ao trabalho que V.Exa. desenvolveu nesta cidade como cidadão, criando a sua família, uma família que tem extensas amizades; como professor, formando cidadãos competentes e combativos para a lide diária e, agora, como Senador, honrando o mandato popular.

Por isso, embora em campanha, com diversos compromissos agendados e sabendo da realização desta sessão solene hoje, por meio de uma ligação do Paulo - eu creio que deve ter havido uma falha da assessoria de Relações Públicas desta Casa ou de minha própria assessoria, não sei -

cancelei imediatamente todos os meus compromissos, porque eu não poderia deixar de estar aqui para compartilhar deste momento de celebração e de reconhecimento de uma das maiores figuras públicas desta cidade, que honra o Distrito Federal em qualquer lugar. Honrou o Distrito Federal na Universidade de Brasília, honrou o Distrito Federal no Senado Federal. V.Exa. pode ter certeza de que nas urnas, ainda nestas eleições, terá o reconhecimento da população do Distrito Federal.

Parabéns, Senador Lauro Campos. V.Exa. merece, como poucos, este título, pelos serviços prestados ao Distrito Federal. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Neste momento, passo a palavra ao candidato ao Governo pelo PPS, Sr. Carlos Alberto Torres.

SR. CARLOS ALBERTO TORRES - Exma. Sra. Presidente desta sessão, Deputada Maninha; Exmo. Sr. Cidadão Honorário de Brasília, Senador Lauro Campos; Exmo. Sr. Deputado Chico Floresta, autor do requerimento que propiciou a realização desta homenagem; Exmo. Sr. Deputado Rodrigo Rollemberg, grande candidato ao Governo desta cidade; Sr. Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana, Afonso Magalhães; Sra. Representante do Partido Democrático Trabalhista - PDT, Erilda Balduíno de Souza, para mim é uma grande honra estar aqui nesta sessão em que estamos concedendo o título de Cidadão Honorário de Brasília ao Senador Lauro Campos.

Tive a honra de pertencer a esta Casa. Cheguei aqui em 1990 como o segundo Deputado Distrital mais votado naquela ocasião.

Naquele momento, imaginávamos estar inaugurando um momento especial da democracia no Distrito Federal porque passamos a ter o nosso Legislativo.

Aquela primeira legislatura foi também a legislatura em que nós votamos e promulgamos a Lei Orgânica do Distrito Federal, a nossa lei máxima.

A Câmara Legislativa, Senador Lauro Campos, tem tido momentos brilhantes na defesa dos interesses desta cidade e, neste momento, está vivendo um dos seus momentos mais brilhantes, pois está honrando um cidadão merecedor de todo o nosso respeito pois, ao longo de sua vida e por meio de muita luta, tem contribuído para criar uma sociedade mais justa, mais democrática e tem-nos ensinado permanentemente a praticar a política de forma ética, correta e, acima de tudo, de forma exemplar.

Não apenas pela sua vida como acadêmico e como político, mas pelo seu mandato nesses últimos oito anos, o senhor tem sido um dos orgulhos da nossa cidade. Portanto, como candidato a Governador pela Coligação Frente Trabalhista, formada pelo Partido Popular Socialista e pelo Partido Democrático Trabalhista, partido ao qual o senhor pertence, nós estamos aqui extremamente honrados.

Quero dirigir-me também a grande guerreira Oraida e sua família toda, aos companheiros do Partido Popular Socialista e do Partido Democrático Trabalhista presentes para dizer que eu não poderia deixar de vir aqui, embora neste momento de campanha, todos estejamos com a agenda apertadíssima. Consideramos, no entanto, que estamos fazendo

algo mais importante, presenciando este momento que não é só seu, mas é da nossa cidade.

É um momento de grande importância para a nossa cidade. Por que eu insisto nisso? Porque a Câmara Legislativa tem um papel fundamental para a democracia da nossa cidade, pois é aqui que votamos todas as nossas leis. Entretanto, devo dizer que, neste momento, a Câmara Legislativa está precisando passar por uma profunda renovação. Felizmente, hoje, temos cidadãos honrados e combativos, os que defendem uma democracia mais avançada no plano social e no plano político que querem vir para esta Casa para honrá-la.

Esta Casa, em nenhum momento se envergonhou de todo o meu trabalho legislativo, mas é necessário, Senador, que nós utilizemos este momento para dizer que existem alguns Deputados Distritais integrantes da atual legislatura, que não estão honrando esta Casa e o Distrito Federal, pelo contrário, estão lhes causando vergonha.

Por isso, eu, se pudesse desejar algo de bom para a nossa cidade, eu desejaria que esses cidadãos, cujos nomes eu não me sentiria à vontade para citar e nem iria diminuir o valor desta sessão fazendo isso, pudessem ser vistos pelas costas, porque são representantes de grileiros, que promovem ocupações irregulares de terra. Esses cidadãos estão transformando a Câmara Legislativa em um balcão de negociatas e, evidentemente, o Distrito Federal não pode mais aceitar, eu até diria: o Distrito Federal precisa ser salvo dessa gente?

Eu não poderia deixar de parabenizar o trabalho dos companheiros Chico Floresta e Maninha. Mesmo sendo candidato ao

Governo pela Frente Trabalhista e estarmos aqui empenhados em uma profunda renovação no Distrito Federal, não posso deixar de mencionar o campeão da luta contra a grilagem de terras, o candidato ao Governo, de outra coligação, Deputado Rodrigo Rollemberg. Eu não poderia deixar de fazer justiça ao Deputado Rodrigo Rollemberg por sua combativa e valente contribuição nesta causa. Outros companheiros têm tido posturas aguerridas como esses dois candidatos que também estão à Mesa, mas o papel desempenhado pelo Deputado Rodrigo Rollemberg tem sido absolutamente destacado neste momento.

A contribuição da companheira Maninha, na CPI da Grilagem de Terras, foi também exemplar. Eu não poderia deixar de lembrar a grande contribuição dessa CPI no levantamento dessa questão no Distrito Federal.

Amigos e amigas, o momento por que estamos passando, acredito, seja extremamente importante. A menos de duas semanas das eleições, temos na nossa Frente Trabalhista um candidato à reeleição no Senado, Senador Lauro Campos. Se eu pudesse desejar algo de bom à minha cidade, se o Senador Lauro Campos fosse um homem de reza - lembro-me de um discurso desses de maravilhosa oratória que V.Exa. fez -, eu rezaria para que fosse reeleito, porque o Distrito Federal precisa novamente de V.Exa. no Senado Federal.

Acho que o Distrito Federal está à beira de conquistar o seu segundo turno. Há poucos dias já era previsível, já era constatável, antes mesmo dessas últimas denúncias, a queda do atual Governador nos índices de pesquisa de opinião. Depois dessas últimas denúncias que envolveram, inclusive, Deputados desta Casa no recebimento de propinas à base de

lotes, para aprovar projetos predatórios contra o Distrito Federal, no sentido de utilizar indevidamente a terra pública, tão escassa e cara, que foi pensada exatamente para planejarmos o nosso presente e futuro, esses índices de queda se acentuaram. Estamos certos de que poderemos ter esse segundo turno.

Nesse segundo turno, toda a oposição da qual fazemos parte, a Frente Trabalhista, estará unida e iremos conquistar essa renovação.

Tenho certeza de que um dos candidatos ao Governo, da oposição, mas candidato que veio da vertente de uma longa história, da luta dos trabalhadores e da esquerda, um desses será aquele que estará no segundo turno.

E nós, então, iremos começar a reconstruir o nosso sonho, o sonho de fazer com que haja um Governo nesta cidade, que não fique apenas com palavras demagógicas, que não faça de seu mandato apenas instrumento de uma propaganda particular, mas que permita que possamos conquistar o Governo e permanecer por mais de quatro anos, porque há obra indispensável que esta cidade precisa e conserto daquilo que foi feito de errado - precisa durar mais que quatro anos!

Com esse otimismo de que poderemos começar uma nova prática política, uma nova forma de governar e estabelecermos no Distrito Federal um novo governo de desenvolvimento, termino minhas palavras, desejando que o Sr. Lauro Campos possa nos brindar tantas vezes, como tem acontecido, com a sua contribuição política mais uma vez no Senado e, politicamente, em nossa companhia, trazendo sua contribuição.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Com a palavra o Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana, Sr. Afonso Magalhães, candidato a Deputado Distrital pelo Partido dos Trabalhadores.

SR. AFONSO MAGALHÃES - Saudação à companheira Maninha; companheiro Lauro Campos; companheiro Chico Floresta pelo desprendimento, pela coragem de organizar este ato em pleno "tiroteio" eleitoral; companheiro Rodrigo Rollemberg; companheiro Carlos Alberto Torres; companheira Erilda Balduíno.

Eu penso que esta homenagem ao companheiro Lauro Campos é uma homenagem das mais merecidas. O companheiro Lauro Campos é um pioneiro em Brasília não só pelo fato de ter chegado aqui no início da construção da Capital federal, mas pelo fato de ter colocado Brasília nesse patamar de abrigar um intelectual, um professor, um mestre. Certamente, o maior economista do nosso continente. É uma honra ter Lauro Campos em Brasília, nós que nos consideramos brasilienses por termos nascido aqui.

A maior parte de sua produção, talvez a mais importante, desenvolveu-se aqui em Brasília, nos corredores, naquelas salas do minhocão da UnB em um período crítico da ditadura em que era comum companheiros desaparecerem, serem assassinados. Existiam as perseguições dentro e fora da universidade. Com aquele trabalho discreto, subversivo, esclarecedor, ele ia desenvolvendo a consciência de estudantes e de quem convivia com eles. Ele ajudou seguramente a construir uma militância combativa, coerente em Brasília e fora do Distrito Federal. As idéias que o Lauro desenvolve também têm um desdobramento organizativo. Muitos que se dizem militantes desprezam as ideias e acabam caindo na

adaptação reformista ou virando "militontos", não sabem para onde vão. Então, a bússola do método que o companheiro Lauro desenvolveu, por meio da leitura e do estudo da obra de Marx e daqueles que o sucederam, é fundamental hoje para a construção de um novo país, de um novo mundo. Isso está mais atual do que nunca. É óbvio que isso, muitas vezes, não é compreendido dentro da disputa eleitoral, porque estamos em disputa eleitoral de hegemonia burguesa em que a virtualidade é mais importante que a realidade e a eleição é "sabonetizada", mesmo. Todos temos o compromisso de reverter essa situação. Não é possível que não haja espaço para o debate em uma eleição e é necessário que ela seja nivelada por baixo, porque a pasteurização provocada pela mídia dificulta o aprofundamento do debate, dificulta a exposição de ideias que o Lauro desenvolve, que é o patamar mais elevado que temos hoje no Distrito Federal. Então, temos de sair daqui com o compromisso de reeleger o companheiro Lauro Campos, porque esse setor da população que compreende a obra de Lauro Campos e que tem essa consciência pode generalizar esses votos. Não vamos deixar que seja cometida essa injustiça com o companheiro Lauro. Vamos fazê-lo Senador mais uma fez, porque a ética do comportamento do Lauro Campos não é uma ética abstrata, não é uma ética de mosteiro ou de noviça, é uma ética aplicada à construção do socialismo, à defesa da organização dos trabalhadores, armando-os para a luta contra esse sistema vil, perverso, contra essa engrenagem dominadora da sociedade. Não podemos esquecer a função que esse companheiro tem, não podemos separar a função do teórico, do professor e do mestre com a função do político, do Senador e do militante. Isso tudo está entrelaçado e

temos de fazer essa justiça. Temos de dar valor às homenagens que são feitas ao companheiro Lauro, mas vamos dar valor também às urnas, reconhecendo o trabalho desse companheiro que é realizado aqui em Brasília, mas que é dirigido a todo o País. Quantas cartas e quantos correios eletrônicos chegam ao Senador Lauro Campos, vindos de todos os recantos deste País, desde o interior da Paraíba, de Tocantins e até do Paraná e do Rio Grande do Sul, defendendo e compartilhando as idéias que ele desenvolve. Isso é um trabalho da mais alta profundidade que organiza o movimento social para um embate contra esse sistema. Às vésperas de elegermos um governo democrático e popular a função do Lauro Campos vai estar colocada de forma mais importante ainda. Porque é agora que vão se dar as contradições, que vão aparecer os oportunistas, os aproveitadores, que vai estar aberta uma disputa de interesses. A classe trabalhadora de um lado e os especuladores, grileiros, latifundiários e a classe parasitária do outro. Portanto, fugindo um pouco do protocolo, fiz um discurso político-eleitoral. Ainda não conheço o funcionamento desta Casa direito, mas espero estar aqui a partir de 1º de janeiro.

Enfim, coloco do fundo da mente e do coração esse chamamento a um apoio concreto, além do título de Cidadão Honorário, ao companheiro Lauro Campos.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Concedo a palavra à Dra. Erilda Balduíno de Souza.

DRA. ERILDA BALDUÍNO DE SOUZA - Exma. Sra. Presidente desta sessão, Deputada Maninha; Senador Lauro Campos, Cidadão

Honorário de Brasília; meu amigo Exmo. Sr. Deputado Chico Floresta que propôs esta homenagem; Exmo. Sr. Deputado, candidato a Governador de Brasília, Rodrigo Rollemberg; Sr. Candidato também a Governador Carlos Alberto que representa a nossa Frente Trabalhista; Afonso, companheiro das lutas, Sra. Oraida e os filhos, filhas, netos e bisnetos; amigos presentes e companheiros do PDT em nome de quem venho a esta tribuna para fazer uma saudação ao nosso candidato ao Senado Federal. O que mais eu tenho a dizer ao Senador Lauro Campos depois de ouvir o discurso do Deputado Chico Floresta, o discurso dos companheiros candidatos a Governador, do companheiro militante Afonso?

Senador Lauro Campos, certamente, neste momento, o seu coração está voltando às nossas antigas Minas Gerais, à sua infância, à sua mocidade, à sua vida, à sua família, a seu pai, tudo isso que formou o seu coração, o seu caráter, que lhe deu as condições de ser um homem coerente, um homem que tem aquilo que é mais precioso em um político do qual o PDT se orgulha de tê-lo como candidato: é um homem probo e honesto. É muito fácil a gente estar pulando de galho em galho ideologicamente, politicamente e até socialmente, mas o Senador Lauro Campos é um homem coerente e um homem da resistência. Essa resistência é o exemplo para nós do PDT que viemos de uma luta de longos anos, porque queremos mudar o país, porque queremos mudar a sociedade. E ninguém melhor para estar no Senado e mudar a sociedade, aquela Casa que representa os estados brasileiros, a federação, do que o Senador Lauro Campos, cuja presença no Senado, agora, é mais do que obrigatória, é necessária. É aquele momento de opção de quem realmente quer ter um

Senado à altura de um governo que se avizinha de mudança e de profundo compromisso com o povo pobre, com o povo trabalhador deste país. Poucos daqueles que estão lá têm o compromisso do Senador Lauro Campos, que demonstra não apenas nos discursos, mas quando ele toma posição e põe à disposição do Senado Federal o seu notável saber, a facilidade com que dá aquelas aulas altamente pedagógicas a respeito da economia, não só do Brasil, mas também da economia mundial. Aquele discurso em que ele, em nenhum momento, tem dúvida de que está no Senado para fazer essa mudança e sabe que a sua presença é a coisa mais importante que se tem numa Casa Legislativa.

Para nós do PDT é uma honra tê-lo como nosso candidato a Senador. E certamente como Cidadão Honorário, honra a todo o povo de Brasília.

A figura insigne do Senador Lauro Campos, a sua postura política, o seu compromisso na cátedra, o seu compromisso como político, o seu compromisso no Senado Federal, são os valores que nós queremos fazer perpétuos nesta cidade. S.Exa. será sempre o nosso professor e o nosso guia político. Para nós do PDT será o maior património que nós podemos oferecer para a democratização, e porque não, para a moralização desta cidade.

Senador Lauro Campos, V.Exa. sabe do apreço que temos por sua presença no Senado e queremos levá-lo novamente para lá, porque temos certeza de que V.Exa., nessa fase, é essencial e será o baluarte de um governo que realmente não vai deixar colocar em hasta pública, em

leilão público o pouco daquilo que sobrou e que não foi passado e vendido aos predadores do sistema financeiro mundial.

Lauro Campos é o homem indicado para fazer essa resistência e nós sabemos que vai fazer. Por isso, estamos congratulando-nos com este título que V.Exa. recebeu. Cumprimentamos a família. Cumprimentamos a todos os companheiros da esquerda porque este título é também um pouco nosso. Ele pertence a nós que temos V.Exa. como o nosso guru. E, sobretudo, este título deverá ser ostentado e deverá chegar ao conhecimento de todos os brasilienses, pois essa é a prova que temos de que vale a pena ser honesto, de que vale a pena exercer uma política com ética dentro da humildade, sendo um tipo de pessoa como o Senador Lauro Campos.

Aparentemente manso e tranqüilo, mas é um leão na defesa dos interesses deste país e desta cidade. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Nobre Senador Lauro Campos, recebemos um telefonema da Senadora Luiza Helena do PT de Alagoas, que lhe manda um abraço carinhoso por esta homenagem que hoje a Câmara Legislativa está lhe prestando.

Concedo a palavra ao homenageado, Senador Lauro Campos.

SENADOR LAURO CAMPOS - Exma. Sra. Presidente desta sessão, Deputada Maninha; Exmo. Sr. autor do requerimento de realização desta homenagem, Deputado Chico Floresta; Exmo. Sr. Deputado Rodrigo Rollemberg; Sr. Coordenador do Comité de Defesa da Revolução Cubana, Afonso Magalhães; Sr. Candidato ao Governo pelo PPS, Prof. Carlos Alberto Torres; Sra. Representante do Partido Democrático Trabalhista - PDT, Erilda

Balduíno de Souza; eu gostaria de tentar articular os meus agradecimentos, compondo a minha fala com a história em comum que tive com todos os que estão aqui presentes. Este improviso é muito difícil, mas seria a exposição que a mím agradaria mais, porque, ao longo da vida, aquele que continua enclausurado em si mesmo, aquele que continua prisioneiro do egoísmo, realmente perde muito, perde quase tudo. Não sabe que nós somos vocês. Nós somos os outros. A nossa vida não teria sentido sem a sua dimensão social. É a história e o rio da história do qual fazemos parte que dá significado e sentido à nossa vida. De modo que, eu, obviamente, terei que me referir constantemente a alguns de vocês e peço desculpas se, por acaso, me esquecer de alguém neste meu mapeamento, que na realidade é uma tentativa de me compor, de compor aquilo que recebi ao longo da minha experiência de vida de cada um de vocês.

Eu gostaria de começar, e não teria outro jeito, senão me referindo a minha companheira, aquela que eu conheci no interior de Minas e da qual não me separei jamais, Oraida. Muita gente queria e sugeriu que ao invés da minha candidatura ela fosse a candidata. Ela seria uma Senadora muito melhor do que eu. Eu também não tenho dúvida disso, mas nós não escolhemos o conteúdo e as pessoas que compõem o quadro no qual vivemos. Não quero falar da minha grande obra, mas, sim, da minha maior obra, minha obra prima: meus quatro filhos, nove netos e dois bisnetos. Só isso bastaria. Essa obra seria capaz de preencher e dar significado a uma existência. (Palmas.)

Sou um pai coruja, mas não tenho culpa de ser assim. Eles são tão bons que eu seria muito ingrato e injusto se não fosse o pai coruja que

sou. Só isso seria capaz de me gratificar suficientemente. Darei, então, um conselho, coisa que não faço. Quando alguém me pede um conselho, eu falo: "Conselheiro foi o Martins Campos, Presidente do Conselho de Ministros de D. Pedro II." Eu não dou conselho, nem aos meus filhos.

Quanto aos partidos, houve apenas um projeto de partido, o Partido Republicano Democrático, o terceiro a entrar em formação, mas que não chegou a se constituir. Meu professor Aleixo e seu pai, o ex-presidente Pedro Aleixo, tiveram a gentileza de lembrar do meu nome para compor a comissão executiva provisória desse partido que propunha ser mais oposição do que o MDB, depois PMDB.

Em minha vida, pertenci a apenas uma comissão executiva, a do partido em formação ao qual me referi. Participei até quando escrevi uma carta ao meu colega de turma Maurício Aleixo, então presidente do nosso partido em formação, na qual eu dizia que estava abandonando aquela trincheira e que iria passar para outra mais avançada, onde realmente a vida partidária era mais arriscada.

Viver é muito arriscado e viver numa ditadura num pequeno partido, como era o PT, do qual passei a participar, era realmente um grande risco. Colegas que aqui estão, antigos companheiros do PT, também sofreram as mesmas perseguições. Vinte e oito cascavéis, tanques de guerra e cães amestrados avançaram sobre nós, que estávamos pacificamente discutindo problemas e fazendo discursos num espaço em frente ao Congresso Nacional. Quantas perseguições!

Na universidade de Brasília, lembro-me de que, algumas vezes, os meus colegas não pegavam carona comigo por medo de serem

explodidos no meu carro. Não é fácil. Devemos realmente nos regozijar por termos conseguido, pelo menos, um pequeno espaço para a fala, para o discurso, para a liberdade, para a criação e para a discussão.

Não sabíamos de onde viria o golpe. Eu não tinha pertencido a organização de esquerda alguma, ou de direita ou de centro. Eu não militava, a não ser na sala de aula com os meus alunos. Eu me preparava para um debate que esperava, um dia, fosse acontecer nesse país. Em vez de debate, ameaças de morte.

Quando fui a São Paulo, a conselho de um amigo comum, conversar com o professor Fernando Henrique Cardoso, ele me disse: "Lauro, nunca vi ninguém tão ameaçado quanto você. Estou indo para os Estados Unidos e, se eu puder, levar-lhe-ei para lá." Mas ele se esqueceu, como também de tantas outras coisas, de cumprir essa sua promessa feita a mim. Porém, ele pagou aquele almoço, coisa que, pelo que ouvi falar, raramente ele faz.

Então, a partir daí, eu tive de passar uns tempos na Inglaterra para reencontrar um pouco de paz e de segurança para mim e para a minha família. Logo em seguida, voltei e continuei a mesma luta, a mesma fala, as mesmas palavras, a mesma ideologia, a mesma capacidade de crítica que, a cada dia, está mais sedimentada.

Então, recomecei a minha carreira de professor universitário, a qual talvez Freud explique. Talvez eu tenha loucura e amor pela sala de aula. Sou e sempre serei um estudante-professor e um professor-estudante. Eu falei, numa sala de aula, durante a campanha de 1986, a mais bela campanha política que Brasília assistiu, que havia cerca de oitenta

candidatos querendo pular num galho para ser Senador e que, se eu fosse eleito, desceria para a minha posse. Eu sou professor. De modo que, felizmente, no Senado quase todos os Senadores me chamam de professor.

Quanto às agruras de Minas, às angústias da sociedade mineira, o teto de chumbo de uma cidade comandada e, cada vez mais, digerida, deglutida por banqueiros... Lá em Minas, há mais banqueiros do que gente, e os bancos mineiros estavam em sua fase áurea: devorando tudo. Eram donos de todos os postos de gasolina, dos cinemas, dos clubes, inclusive do late Clube. Eles eram donos de tudo. Nós ainda respirávamos um pouco, pois eles tinham esquecido de tornar o ar que respirávamos em propriedade privada do grande capital. Depois de devorarem Minas Gerais, os bancos se mudaram para São Paulo a fim de ter um espaço maior para a sua voracidade.

Quando cheguei em Brasília, um céu imenso. Era uma maravilha! Havia poeira subindo e, através da poeira lá longe, algumas luzes já brilhavam. Eram todas as luzes que Brasília possuía em sua modéstia candanga. Que maravilha! Como era bonito chegar ao sonho e encontrar os ingredientes fundamentais: o trabalho humano, todo mundo trabalhando, todo mundo fazendo hora extra e sendo remunerado com o salário dobrado.

A cada dia que eu saía de casa, sabia que, na volta, encontraria um canteiro novo, um andar terminado, uma obra completada. Era o trabalho humano na sua plenitude, já começando a adquirir uma respeitabilidade muito grande.

Dormíamos com portas e janelas abertas. Fizemos isso por mais de dez anos. Brasília era realmente solidária. Era esperança e

concretização. Foi paixão a primeira vista. Eu me rendi aos encantos do turbilhão. Eu achava uma beleza aquelas chaminés de poeira vermelha subindo em direção ao azul.

Pois bem, vim para cá para ser professor. Eu tinha começado a falar sobre um complexo de Édipo. Falei no Freud e esqueci de terminar. Talvez Freud explicasse essa minha vontade de ser professor: talvez fosse o resultado de um complexo de Édipo, de querer ser igual ao meu pai, coisa que nunca consegui.

Darcy Ribeiro, na página 89, no livro dele chamado Migo, diz o seguinte: "Conheci o Prof. Carlos Campo e frequentei a sua casa. O único sábio verdadeiro que conheci numa vida inteiramente dedicada a estudar e a pensar. Eu gostaria de ser sábio e probo, mas não tanto quanto ele." E ele, que não conheceu direito minha mãe, disse que a solidão e a tristeza da vida de meu pai aterraram o Darcy Ribeiro, mas ele não sabia que a alegria de meu pai morava ao lado. A alegria de meu pai e a esfuziante alegria de minha mãe, que construiu para ele um canteiro de obras protegido pelo seu amor e pelo seu carinho, um canteiro de obras que permitiu a ele realizar a sua obra.

Quando cheguei a Brasília, vim para ser professor. Darcy Ribeiro era reitor. Nunca procurei Darcy Ribeiro para pedir um lugar de professor na Universidade de Brasília. Nunca! Eu achava, como acho até hoje, que para ser professor, para professar e ter fé no magistério, é preciso fazer concurso. Então, eu fui fazer o meu concurso em Goiás, em Goiânia. Isso ocorreu antes dos acontecimentos da Universidade de Brasília, quando mais de duzentos professores foram demitidos. Eu esperei. Minha mãe pedia que

eu fosse para a Universidade de Brasília e aproveitasse a oportunidade. Eu não queria. Talvez alguns daqueles que tivessem pedido demissão se arrependessem e eu não queria que eles me encontrassem dando aula em seu lugar. Eu esperei até que, realmente, a situação se mostrou irreversível, Então, fui transferido da Universidade Federal de Goiás para a Universidade de Brasília. Durante muitos anos morei numa obra de Darcy Ribeiro, mas com algumas coisas eu não concordava.

Antes de chegar a Brasília para ser professor, certa vez encontrei, em Goiânia, com Lincoln Ribeiro, primo de Darcy Ribeiro, e disse a ele: "Já que você é primo do Darcy, alerte-o. Estamos na América Latina. Não há estabilidade política. Então, uma universidade em que o professor não tenha estabilidade e na qual o professor catedrático não possa criticar o Governo e realizar com toda liberdade a sua capacidade de lecionar, não dará certo. O próximo golpe será de direita." Isso eu falei em 1963, um ano antes do Golpe de 1964. O próximo golpe será de direita e quem for de esquerda será demitido dessa universidade criada com base na CLT, num país em que a CLT não tem história. Aí, então, pude lecionar na Universidade de Brasília.

Vou abreviar esta minha anamnésia dos bons e velhos tempos.

De repente, eu já não falava mais para a sala de aula. De repente, comecei a falar, por duas horas e meia, sobre a dívida externa em uma igreja em Ceilândia. Naquele momento, em que se preparava a conquista do espaço político em Brasília, nos eu comecei a me manifestar, como lembrou o tão emocionante e vibrante discurso do meu caríssimo amigo Deputado Chico Floresta.

Os professores estavam em greve e alguém me convidou para ir lá fazer uma exposição. Como eu já tinha muitos anos de estudo e meditação sobre a inflação e suas formas de combate, sabia há muito tempo que era possível, sim, combater a inflação, instrumento de massacre, de arrocho e de exploração maior dos trabalhadores. Era possível retirar esta alta de preço que reduz o salário real e substituir esse instrumento de opressão, de aumento da mais-valia, e de evisceração dos trabalhadores, a inflação, por outros instrumentos não-inflacionários, mas talvez mais perversos do que a própria inflação.

Os planos que se sucederam vieram confirmar aquilo que sempre falei, que eu sempre vi. Se você fecha os sindicatos, é evidente que uma pressão inflacionária é neutralizada. Se você consegue reduzir a taxa de inflação e não permite correção dos salários, deixando que a defasagem alcance, como agora neste Governo, oitenta por cento, sem reajuste salarial, é muito pior do que uma inflação de trinta ou quarenta por cento com reajuste mensal. Então, retira-se um instrumento monetário • a inflação - e coloca-se outro instrumento. Agora é preciso colocar a polícia na porta dos sindicatos, é preciso fazer a ditadura da mídia para enganar a população e anestesiá-la a fim de que aguente oitenta por cento de defasagem entre aumento de preços e reajuste de salários.

Outros instrumentos podem ser utilizados - e foram - para substituir a inflação. São instrumentos que, somados, são mais perversos do que a própria inflação. Todos eles têm o mesmo objetivo: aumentar lucro e explorar, eviscerar os trabalhadores. Não é surpresa que as trezentos e cinquenta e oito pessoas mais ricas do mundo detenham hoje, depois de

quinhentos anos de capitalismo, a mesma renda de dois bilhões e quinhentos milhões de seres humanos, quase a metade da humanidade. E continuam discutindo quais são os instrumentos de redistribuição da renda!

Não é somente a renda, é a vida e a saúde que se concentram; é o saber e o poder que se concentram em uma sociedade que, além de concentradora e desumana, tem que ser necessariamente abortiva. Ela não é apenas excludente, ela é abortiva. Robert Malthus tinha razão. Aqui no Brasil, por exemplo, se não fosse a redução da taxa de nascimento da população brasileira, que há alguns anos era de 4% ao ano e, por meio de DIU, de radinho de pilha, de esterilização e da fome, foi reduzida para menos de 2%, o nosso PIB per capita teria diminuído este ano. Não diminuiu por causa da abortação. A consciência dessas coisas sempre moveu a minha inquietação e a minha rebeldia.

Jean-Paul Sartre tinha razão: o que nos angustia é a consciência. Se conseguíssemos ser anestesiados por nossa ignorância, pelo nosso distanciamento do sofrimento do povo ou por qualquer outro anestésico, não seríamos angustiados; seríamos, simplesmente, desumanos, mas não angustiados. Aqueles que têm a capacidade de sofrer e de chorar junto não podem ser indiferentes e perder a consciência. A consciência não perdida é a consciência crítica que se exacerba em momentos de crise. A situação crítica produz a consciência crítica.

No decorrer da minha longa vida, cheguei à conclusão de que já estaríamos bem avançados no sentido da civilização e do respeito se a nossa sociedade e a nossa cultura pudessem satisfazer a três tesões do homem. Primeiro, o tesão da cabeça. Refiro-me à cabeça que quer se

alimentar de conhecimento, à cabeça que tem estímulo, inquieta e curiosa que quer quebrar e resolver os hieróglifos do mundo. Segundo, o tesão do estômago. O nosso metabolismo dá os sinais do desequilíbrio e da necessidade de reposição da energia gasta em virtude dessa ação contínua e dessa inquietude que nos move. O tesão do estômago se manifesta pela fome. Aqueles que podem saciá-la, reequilibram-se; os outros que não podem vão formar a sociedade do submundo e a sociedade daqueles que ajudamos a decair; daqueles que empurramos, num momento, para os morros e para a periferia. Num momento seguinte, a indústria não pode mais reabsorver a mão-de-obra barata e eles, obviamente, têm de entrar no desespero da fome e da agressividade. Não acredito que o homem seja, naturalmente, agressivo, eu acredito que o homem é capaz de, continuamente, melhorar, aperfeiçoar-se e socializar-se.

Mas, numa sociedade que foi marginalizada, há aqueles que escaparam do aborto para serem marginalizados nesta sociedade indiferente, inconsciente, que é a nossa sociedade. Podemos até dizer que essa sociedade cria a sociedade dos sobreviventes, a sociedade dos desesperados, a sociedade dos agressivos, que voltam depois sua agressão contra nós como uma espécie de justiça.

O outro tesão é aquele que a sociedade deve e tem a obrigação de satisfazer, é aquela mesma que Freud chamou de libido, esta pulsão que o homem tem para conservar a espécie e que a cultura humana transforma em amizade, amor, respeito e carinho.

Portanto, se nós pudéssemos criar uma sociedade que satisfizesse com respeito e dignidade essas três pulsões, esses três tesões

do homem, nós teríamos caminhado muito em direção à realização das condições essenciais da vida.

Tenho saudade daquele tempo em que a minha energia não falhava, era abundante, a minha curiosidade era infinita e a vontade de falar era grande, porque o homem é o produto do verbo, da fala, da palavra e do trabalho. São os dois ingredientes essenciais.

Nossa sociedade transformou o trabalho, o trabalho erotizante do mundo, o trabalho humano com sua chama acesa e transformadora da sociedade e da natureza.

Então, transformou o nosso trabalho, monopolizou e desempregou, proibindo o homem de exercer e desenvolver a sua alma e a sua essência, o trabalho. De outro lado, monopolizou a fala, somos uma sociedade passiva, composta de pessoas que estão sentadas diante das televisões e diante de computadores.

O capitalismo empobreceu o heroísmo. Os dois heróis do capitalismo são aqueles russos que voltaram em sua cápsula ao regressarem do espaço. Heróis mortos, passivos e impassíveis, sorridentes, mortos sorrindo. Heróis que não puderam fazer nada diante da agressão e da presença da morte. Uma sociedade que se tornou tanática, deixa de ser erótica e passa a ser destruidora. Trezentas e quarenta e quatro guerras entre 1740 e 1940. Oitenta e sete guerras internacionais entre 1840 e 1940. Agora estamos vendo as manifestações de um tanático, fanático. Sr. Bush, que já está com cinco balas, cinco guerras engatilhadas no seu maldito rifle.

Então, transformaram o trabalho humano em tanático, destruidor e letal. E eu espero, e eu confio que o império do poder ilimitado, o império

da guerra, a realização de Hittler - eu sempre falei isso, Hittler perdeu a guerra, mas ganhou a paz.

Basta olhar e escutar a Ministra da Alemanha, que foi demitida porque falou a verdade. Aquela Ministra é uma reprodução do nosso Ministro Rubens Ricúpero, a quem admiro muito. Ele deixou escapar uma verdade pela antena de televisão, e isso foi suficiente para ser destruído, para não poder ser mais Ministro, para não poder fazer mais nada e ser desmoralizado pela verdade que falou.

Quem consegue lutar para se aproximar da verdade com suas poucas luzes, como é o meu caso, e consegue ficar vivo até os 73 anos e ser Senador a essa altura dos acontecimentos, é uma pessoa de muita sorte. Muita sorte, realmente. (Palmas.)

Eu gostaria de agradecer a presença de cada um, pessoalmente, nesta hora que para mim tem um significado muito grande e muito especial.

Em certo sentido, eu falando do meu pai, estou respondendo a algumas palavras muito delicadas proferidas pelo Deputado Chico Floresta sobre ele e estou, também, fazendo uma espécie de anamnésia, de uma recordação das alegrias e tristezas que fizeram parte da minha vida.

Agradeço, também, as manifestações políticas que lembraram do meu nome para a reeleição e que consideraram um trabalho infatigável.

Eu nunca trabalhei tanto na minha vida, quanto trabalho no Senado. É evidente que, como Senador de Oposição, eu nunca fui Presidente de Comissão. Por exemplo, agora, na Comissão de Assuntos Económicos, eu passei um ano sem ser relator de nada, sem ser lembrado para ser relator. Um dia, o Pedro Simon, alguns anos atrás, levantou-se e

disse ao Gilberto Miranda: "Eu não sei como é que V.Exa., Senador, preside esta Comissão, se aqui temos dois professores de Economia, o Senador Lauro Campos e o Senador Eduardo Suplicy". Em relação a tudo o mais é assim. Quando eu elogiava o Antônio Carlos Magalhães, dizia que nós temos muitas afinidades: duas pontes de safena, 70 e poucos anos de idade cada um também, dentre outras afinidades que nós tínhamos.

Então, agradeço os elogios feitos a mim e ao meu pai lá no Senado. Eu sei muito bem que fomos excluídos - eu, ultimamente, até da TV Senado.

Isso é estatística e não se discute. Aquela Casa é uma Casa política mesmo e tem de haver alguém lá no Palácio do Planalto selecionando as pessoas que vão ser relatores desse projeto ou daquele, do interesse do Governo, e os que vão ocupar tais e tais posições ou que vão participar.

Eu, por exemplo, em quase oito anos de Senado já fui uma vez ao exterior - e dizem que Senador viaja muito e tem muitas mordomias. O meu salário mensal é de R$ 8.200,00 (oito mil e duzentos reais), mas quando eu estava no Partido dos Trabalhadores eu dava trízimo, agora eu dou dízimo. Então, eu recebo agora sete mil e poucos reais! Agora mesmo um Deputado Estadual estava ganhando R$ 90.000,00 (noventa mil reais). Por isso, eu sei que ser Senador, por mais modesto que seja - e eu procuro ser -, nós temos que ser, na vida, se quisermos enveredar, radicalmente modestos, do contrário poderemos ser envolvidos pelo narcisismo.

E este é o perigo, a modéstia é uma ótima conselheira e companheira. A simplicidade. Um dia, o Luiz Carlos de Albuquerque um dos

mais brilhantes e inteligentes alunos que eu já tive e falei que hoje eu queria (inaudível)... Ele é provocador! E ele falou; "Lauro, essa sua modéstia é uma falsa modéstia" Então eu lhe disse: "Luiz Carlos, a modéstia é tão virtuosa que ainda que falsa ela continua sendo uma virtude". (Palmas.) E se a mim não foi dada a verdadeira modéstia eu tenho de cultivar a falsa modéstia porque do contrário poderia ser um narciso.

Narciso, sim, porque, por exemplo, se eu fosse acreditar no que o companheiro Dantas disse quando, em 1980, eu completei a crise da Ideologia Veneziana - ele já é um homem mas eu fiz suas coisas, e também nunca falei disso com ninguém e nunca repeti isso em público porque tenho pudor -, o Dantas falou comigo: "Lauro, você escreveu um livro para ser prémio nobel". Eu não esqueci e finjo que não acredito.

De modo que, então, são tantas alegrias que Brasília me ofereceu. Tantas pedras no caminho que tornaram as vitórias mais valiosas e, entre outras gratificações, estou hoje cercado de amigos, de companheiros e de pessoas que me viram num ou noutro momento da minha vida.

Um dia, em um churrasco na Universidade de Brasília, o Prof. Décio Munhoz disse que admirava em mim a coerência. Então, lembrei-me que Sócrates morrera pela coerência. Ele podia pegar a chave que lhe ofereciam e partir, sair da Grécia, sair de Atenas. Para ele isso significaria que seria um bárbaro e não um ateniense. Negou. Para ser coerente, para continuar cidadão ateniense, tomou cicuta.

Eu, como Cidadão Honorário de Brasília, prometo manter até o final aquela que Sócrates considerou a mais nobre das virtudes: a coerência.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Depois de tanto brilhantismo, não poderíamos deixar de homenagear o Senador Lauro Campos, neste último momento, ouvindo o Hino a Brasília.

(Hino a Brasília.)

PRESIDENTE (DEPUTADA MANINHA) - Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente sessão.

(Levanta-se a sessão às 18h40min.)